

FUNDAÇÃO DAM

Fundação Centro de Desenvolvimento das Aplicações das Madeiras do Brasil

ELETRONORTE

Centrais Elétricas do Norte do Brasil S.A.

FUNAI

Fundação Nacional do Índio

PROGRAMA PARAKANÃ

**Autoconstrução Comunitária das
Aldeias Parakanã**

DE SYLVICULARUM THESAURO I

Setembro 1989

• **EQUIPE TÉCNICA**

• **Consultores Técnicos:** Luiz Galvão
Zadi Duarte

• **Técnicos Permanentes:** Cecília Segré
Marcelo Almeida

• **Equipe de Apoio:** Ivan do Valle
Carlos Terrana

Texto: Luiz Galvão

Desenhos: Zadi Duarte

Mapas e Quadros Analfticos: Cecília Segré
Marcelo Almeida

Maquete: Ivan do Valle

Capa: Casa Comunal Parakanã

Foto: Carlos Terrana

● AGRADECIMENTOS

O agradecimento primeiro do corpo técnico da Fundação DAM cabe ao indigenista José Porffrio Carvalho que, partindo de uma visão renovadora do indigenismo, acreditou desde o princípio na proposta de Autoconstrução Comunitária das Aldeias Parakanã, viabilizando em tempo hábil junto às instituições envolvidas no Programa Parakanã, o início das atividades que permitiram os primeiros resultados conclusivos constantes do presente documento.

Na mesma medida, contribuiu de maneira humanística a antropóloga Berta G. Ribeiro que, a partir de seu cristalino conhecimento antropológico de diferentes grupos aborígenes e da modesta placidez característica de sua personalidade, orientou sem interferir e sugeriu ações sem descaracterizar a metodologia e tecnologia propostas, enriquecendo-as sobremaneira com princípios metodológicos científicos e contemporâneos.

Inestimável foi a colaboração da Chefe do Departamento de Informação e Documentação do Museu Paraense Emílio Goeldi, Helena Silveira, que colocou à disposição desta Fundação o acervo bibliográfico daquela secular instituição de pesquisa do ecossistema amazônico. Em tempo recorde, foram recebidos trabalhos de diferentes autores que de uma forma ou de outra estiveram realizando estudos junto aos índios Parakanã.

Deve ser destacado o apoio direto ou indireto dos demais técnicos participantes dos diferentes subprogramas. Em especial ao gerente do Programa Parakanã, o engenheiro florestal José Ferreira Campos, e ao coordenador do Subprograma de Saúde, o médico sanitário Raimundo Camurça que, compreendendo a importância do interrelacionamento entre o subprograma que coordena com o de Obras e Infra-estrutura, tornou viável o cruzamento de dados científicos que permitiram avaliar as condições habitacionais e sanitárias da aldeia Paranati.

Um agradecimento especial cabe ao chefe do Posto Indígena da aldeia Paranati, Eimar Araújo, e aos índios Arakita, Warirá, Muiiapewa, Awaetéya, Wawá e Piriria que, participando ativamente da pesquisa de campo, permitiram um aprofundamento técnico nos hábitos de morar dos Parakanã. A participação direta desses colaboradores imprescindíveis nas primeiras atividades do processo de autoconstrução, asseguram a continuidade dos trabalhos, transformando na prática a utopia humanística em ação indigenista efetiva.

A todas essas pessoas e instituições envolvidas, a Fundação DAM expressa, por meio de seus técnicos, o reconhecimento, a valorização e a importância das contribuições prestadas, no sentido de sedimentar o caráter multidisciplinar integrado do Programa Parakanã.

● INTRODUÇÃO

Recentemente, a Fundação DAM – associada ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais do Ministério da Educação – e à Secretaria de Cultura do Distrito Federal promoveram, conjuntamente, durante o II Festival Latino-americano de Arte e Cultura (FLAAC), no Salão Negro do Congresso Nacional, a mostra compacta ou *avant-première* preliminar da exposição “Amazônia Urgente: Cinco Séculos de História e Ecologia”. O projeto conceitual, textos e seleção da iconografia são de autoria da antropóloga Berta G. Ribeiro. A programação visual dos textos e as ambientações foram planejadas de forma competente e minuciosa pelos artistas gráficos Luis Sérgio Bittencourt e Nara Abud Tauile, tendo, como curadora da mostra, a ágil museóloga Célia Corsino. “Amazônia Urgente” será mostrada em sua íntegra quando da inauguração da sede própria do INEP, cuja construção vem sendo realizada por esta Fundação no Campus da Universidade de Brasília.

Segundo Berta Ribeiro, a exposição, basicamente, procura explicitar em um de seus temas que:

“A Amazônia não é o “celeiro do mundo” como pensaram von Humboldt e Bonpland quando a visitaram no começo do século XIX. É isto, sim,

- . a última reserva de madeiras tropicais do planeta;
- . um imenso patrimônio biológico com espécies da flora e fauna ainda não totalmente identificadas cientificamente;
- . a maior bacia hidrográfica do mundo que fornece 20% de toda a água doce despejada no oceano;
- . uma pujante reserva de recursos minerais, alguns extremamente escassos;
- . o *habitat* das últimas tribos indígenas culturalmente autônomas existentes no Brasil;
- . a fonte de subsistência de milhões de brasileiros que tiram da floresta, do solo e dos rios, sem depredá-los e poluí-los, o necessário à vida”.

A arqueóloga Betty Meggers afirma que a hecatombe da colonização européia, que destruiu centenas de grupos aborígenes na Amazônia a partir do século XVII, pode ser comparada à que se abateu sobre essas populações e a floresta há 2.500 anos devido a fenômenos climáticos.

A hecatombe a que Meggers se refere também pode ser classificada de etnocídio da expansão portuguesa na Hiléia em busca das drogas-do-sertão. Os "descimentos", as "guerras justas", a "ação dos missionários" e das chamadas "tropas de resgate", somadas às sucessivas epidemias de gripe, sarampo, tuberculose e outras, provocaram a depopulação irreversível dos Índios Manão e Tapajó, além de promoverem a deculturação de uma centena de outros grupos indígenas. Durante o ciclo da borracha (1840-1920), essa situação repetiu-se de forma avassaladora porque acentuou-se a diminuição do território indígena, além do conseqüente aliciamento compulsório dos Índios na extração do látex ou "ouro branco". Nesse período, os povos indígenas situados nas regiões dos rios Juruá-Purus e Madeira-Guaporé-Mamoré foram levados a uma violenta redução física e a uma irrecuperável desorganização econômica, social e religiosa.

A política desenvolvimentista para a Amazônia, inaugurada pela tecnocracia a partir de 1965, com a abertura da rodovia Belém-Brasília, reedita de forma equivocada a ação do Marquês de Pombal no processo de pacificação e integração do Índio à sociedade nacional. No início dos anos 70, o governo Médici lança o Programa de Integração Nacional - PIN que visava integrar a região amazônica ao resto do país. O lema "Uma Terra Sem Homens Para Homens Sem Terra" representou a corrida cega à última fronteira. Em 1978, Shelton Davis, antropólogo norte-americano e consultor do Banco Mundial para questões de meio-ambiente, em seu livro - *Vítimas do Milagre: os Índios e o desenvolvimento no Brasil* - afirma: "Neste momento está sendo travada uma guerra silenciosa contra povos aborígenes, contra camponeses inocentes e contra o ecossistema da floresta na bacia amazônica". Foi necessário passar uma década para que a sociedade brasileira em geral e a comunidade internacional refletissem sobre o caos estabelecido na Amazônia. O editorial do *The New York Times*, de 29 de agosto de 1988, em que acusava o Banco Mundial de ter financiado diversos projetos que aceleraram a destruição da Amazônia, promoveu um instante de reflexão efêmera quanto ao modelo de desenvolvimento aplicado na região. Entretanto, o assassinato do líder sindical Chico Mendes, às vésperas do Natal de 1988, provocou uma conscientização ecológica de âmbito nacional e internacional, capaz de tornar vulneráveis e arrancar a máscara de todos aqueles que ainda hoje pensam e agem como Bento Maciel Parente. A história e o futuro da Hiléia amazônica passam a ser outros a partir desta morte anunciada.

A Amazônia é o último reduto de 60% das tribos indígenas atualmente existentes no Brasil. Isso equivale a uma população de aproximadamente 136.000 Índios, divididos em cerca de 94 grupos tribais distintos. A saga do povo Parakanã tem seu início com a abertura da Transamazônica e prolonga-se aos dias atuais devido à construção da Hidrelétrica de Tucuruí. Assim como os Parakanã, uma dezena de outros grupos indígenas foram afastados de suas terras imemorais, dizimados por doenças advindas do contato e sofreram a pulverização de suas culturas autóctones unicamente pela inconseqüência do civilizado na abertura de estradas, na construção de hidrelétricas, na ação das mineradoras, na instalação de centenas de serrarias, na crescente expansão agro-pastoril, na colonização espontânea e dirigida, além da ação de garimpos isolados. Enganam-se aqueles que acreditam ser possível a integração de uma comunidade indígena à sociedade nacional. A integração ocorre sempre de forma individualizada, com esse ou aquele Índio, nunca com a comunidade em seu todo. O que muitos definem como integração, na verdade não passa de uma simples interação entre a comunidade indígena e a sociedade regional circundante que, dependendo da forma em que foi efetuado o contato e suas conseqüentes ações posteriores, favorecem os vícios do comodismo e dependência.

Os Índios Parakanã da aldeia Paranati encontram-se num estágio de interação avançado com a sociedade regional e – não apenas pela forma em que foram contatados, mas também pelo impacto ambiental sofrido nas sucessivas mudanças da aldeia – vivem uma acentuada dependência assistencial suprida pela FUNAI – Fundação Nacional do Índio. Um fato que chama atenção, no convívio diário com este grupo tupi, é seu permanente estado de melancolia. Esse sentimento de difícil diagnóstico por vezes manifesta-se pela impossibilidade de retornarem ao seu modo de vida original ou, em outras situações, reflete todas as dificuldades pelas quais ainda deverão passar. Assim, não há dúvida de que existe uma consciência coletiva quanto aos traumas sofridos pela depopulação e deculturação.

Será, a partir do grau de interação com a sociedade regional, do nível de dependência para com a FUNAI, do estado de permanente melancolia e do “ethos” individual e coletivo deste povo indígena que se conduzirá o processo de autoconstrução da casa Parakanã. O desafio não cabe apenas aos técnicos da Fundação DAM, mas a todos aqueles que buscam criar novas metodologias e desenvolver tecnologias adequadas capazes de promoverem o Índio à autodeterminação e continuidade como grupo étnico distinto da sociedade nacional.

● A CASA COMUNAL

A *Anga été*, casa comunal Parakanã, representa o primeiro hábito sócio-cultural irremediavelmente perdido após a pacificação dessa tribo indígena efetuada durante a década de 70. Em épocas distintas, dois grupos desse povo foram assentados em caráter provisório: o primeiro, no P.I. Lontra (1971) e o segundo, no P.I. Pucuruí (1977). Desde o início do processo de aculturação, suas habitações foram forçadas para serem construídas segundo os moldes dos caboclos. Essa agressão traumática na organização social desses Índios não pode ser justificada simplesmente pelas más condições sanitárias constatadas na *Anga été* à época do contato, mesmo porque, os Parakanã, até então, sempre haviam habitado casas comunais. O precário estado de saúde em que se encontravam quando do primeiro assentamento também não justifica a adoção dos hábitos de morar do regional, porque não é a casa unifamiliar, com sua cozinha em anexo, que determina o padrão sanitário de um povoamento, mas sim fatores como educação, higiene, alimentação, meio ambiente e assistência médica. A inconsistência das justificativas servem uma vez mais para reafirmar o sentido obscurantista do Estado no tratamento das causas e efeitos provocados ao Índio no decorrer da história brasileira. Querendo ou não, a FUNAI terá que absorver este erro conceitual, uma vez que a decisão de arregimentar ambos os grupos em aldeias conforme os princípios urbanísticos ocidentais, coube, unilateralmente, a seus legítimos representantes na região amazônica.

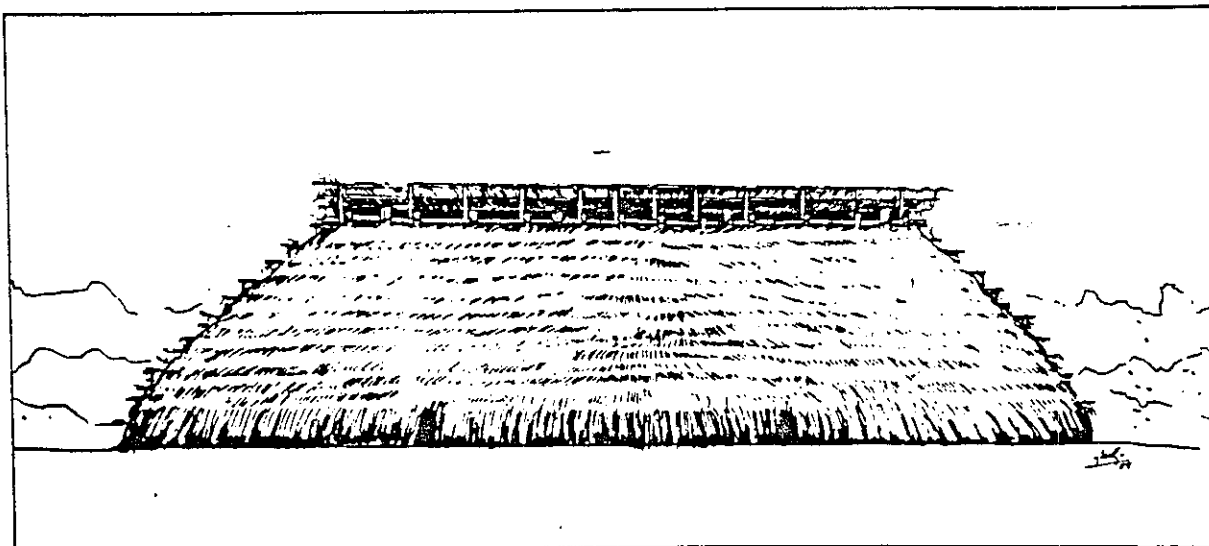
Na verdade, a causa maior da deculturação, não apenas dos Índios Parakanã, como também de inúmeros outros grupos arredios recentemente contatados, está intimamente ligada à política desenvolvimentista adotada na Amazônia e fica claramente comprovada no contrato assinado em 1970, entre a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e a Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), onde a primeira comprometia-se a pacificar as quase trinta tribos indígenas que viviam ao longo do traçado da Transamazônica. As obrigações da FUNAI seriam: 1- evitar que os Índios impedissem a ocupação da área; 2- proteger os operários da estrada contra supostos ataques indígenas (Davis 1978:85). Assim, reeditava-se a política indigenista vigente desde o período colonial: integrar o Índio à economia de mercado em expansão, explorar sua força de trabalho e evitar que sua resistência oferecesse obstáculo à colonização das terras por ele ocupada.

Como se sabe, o processo de aculturação é irretorquível. No acentuado estágio aculturativo em que se encontram os Índios da aldeia Paranati, há um consenso de que dificilmente voltariam a habitar a casa comunal, uma vez que esta tecnologia, característica da cultura material autóctone, perdeu-se há quase duas décadas por imposição do homem civilizado.

Os fatos históricos comprovam que o Índio Parakanã habituou-se a um determinismo aplicado de fora para dentro, concedendo ao homem branco o direito de selecionar e implementar tudo aquilo que parecesse benéfico ao grupo tribal, a começar pela habitação. Já vimos que a crise da casa comunal como instituição cultural Parakanã remonta ao período de pacificação e prolonga-se nas ações desenvolvidas durante o processo de aculturação. Reverter este quadro marcado por equívocos dissimulados, ações paternalistas e dependência passiva não será tarefa fácil de ser superada na implantação da metodologia e tecnologia propostas pela Fundação DAM. Entretanto, a nova casa Parakanã que vem sendo discutida entre os técnicos da Fundação e os Índios, deverá emergir essencialmente da visão arquitetônica contemporânea desses silvícolas, o que equivale afirmar que a busca atualmente em curso avança por caminhos inversos daqueles percorridos nestes dezoito anos de contato com a sociedade nacional circundante.

Os arquitetos Zadi P. Duarte e Cecília Segré, através de um minucioso trabalho de pesquisa bibliográfica, conseguiram resgatar a tridimensionalidade da *Anga été*. Tal reconstituição só foi possível graças à valiosa colaboração do Museu Paraense Emílio Goeldi no fornecimento de trabalhos científicos arquivados em seu avançado Departamento de Informação e Documentação da Amazônia. A reunião dos fragmentos informativos a respeito da casa comunal foram coletados a partir da pesquisa existente dos autores: Arnaud (1961, 1967, 1971, 1983); Silva (1975); Magalhães (1976, 1982, 1983); Vidal (1983, 1984/85). No Laboratório Experimental de Modelos Reduzidos da Fundação DAM, o arquiteto Ivan do Valle, auxiliado pelos dois pesquisadores responsáveis pelo resgate arquitetônico, reconstituíram em maquete, na escala 1:25, toda a especificidade estético-funcional da *Anga été* em seus mínimos detalhes construtivos. Deste modo, preserva-se para as futuras gerações um dos aspectos mais significativos da cultura material Parakanã, ou seja, a tecnologia construtiva de seu abrigo tropical.

Em síntese, a casa comunal Parakanã se desenvolve numa técnica simples e de configuração singela. Possui uma área de 125, 4m², sendo 12,80m de fundos, por 9,80m de frente, constituindo uma planta baixa de forma retangular e volume externo prismático.



* Casa Comunal Parakanã. *Anga été*

Os elementos estruturais fixados diretamente no solo, com profundidade média de 0,50 a 0,70m garantem a estabilidade da habitação. Os materiais estruturais tais como esteios, travessas e caibros são de madeira roliça de espécies variadas e também de diâmetros variáveis compatíveis com a função construtiva. Normalmente, variam entre 0,15 a 0,04m, sendo que a maior medida corresponde aos esteios e travessas, peças principais na montagem da estrutura espacial. A medida menor atende às exigências mínimas dos caibros que recebem e sustentam as folhas extraídas do "olho" da palmeira de babaçu (*Pinaôu*) destinadas à cobertura da *Anga été* do teto ao chão.

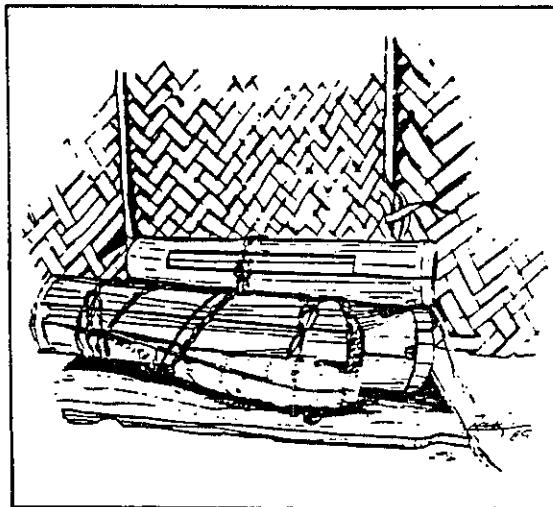
A estabilidade de todo o arcabouço estrutural é garantida por amarrios potentes e bem trançados com fios do cipó denominado *Kurawa*. A altura máxima do pé direito é de 4,50m, correspondendo ao ponto de convergência dos planos formadores das duas águas dominantes do telhado, que se estendem do ponto mais alto até o solo em toda a periferia da construção. Além dos dois planos dominantes da cobertura, tem-se os planos menores formadores das vedações frontais que seguem o mesmo princípio construtivo.

A sutileza do sistema construtivo reside na solução funcional adotada para arejamento do espaço interno da habitação. Isto é conseguido através das entradas e saídas que são normalmente em número de cinco e não excedem à altura de 1,50m, distribuídas de modo a facilitar a renovação do ar e permitindo o movimento de ventilação cruzada. Esta estrutura

se completa na abertura superior existente ao longo da cumeeira, que facilita o escoamento da fumaça originária dos fogos das famílias nucleares. Esta solução construtiva de efeito essencialmente funcional e sanitário somente é percebida no interior da casa comunal.

Atualmente, na construção de uma casa, "a escolha do local, o recolhimento das matérias-primas empregadas e a própria edificação são tarefas do homem, o líder do grupo doméstico, cabendo a(s) sua(s) mulher(es) o abrir e entregar a ele a palha de palmeira de babaçu com a qual será coberta a moradia" (Magalhães 1982:65 e 67).

Analisando-se a casa comunal a partir da *techne* construtiva e das matérias-primas empregadas, confirma-se a afirmação de Ribeiro (1989:34), de que o Índio brasileiro, através do domínio e uso primordial de materiais de origem vegetal, "firmou sua cultura como uma civilização vegetal, perfeitamente adequada a seu meio ambiente".



● A ALDEIA PARANATI

Os dois grupos tribais, outrora assentados na Reserva Indígena Parakanã ou P.I. Lontra e na Reserva Indígena Pucuruí, também conhecida como Terceiro Acampamento, foram orientados, de forma equívoca, a abandonarem suas aldeias, devido à inundação parcial de ambas reservas indígenas, provocada pelo enchimento do reservatório da Usina Hidrelétrica de Tucuruí. Os Parakanã do Lontra, como ficaram conhecidos, resolveram se transferir por iniciativa própria e fixaram novo aldeamento à margem esquerda do Igarapé Andorinha. Entretanto, dois anos mais tarde, em março de 1983, definitivamente foram instalados na atual aldeia Paranati, situada junto ao igarapé do mesmo nome ou Rio Branco, tributário do Igarapé Andorinha. O grupo indígena oriundo da R.I. Pucuruí, em 1982, foi transferido para o Rio do Meio, afluente da margem esquerda do Rio Cajazeiras, formando a atual aldeia Marudjewara.

Como a casa comunal Parakanã foi o primeiro hábito sócio-cultural a ser destruído, por imposição, nos primeiros assentamentos logo após a pacificação, não é de se estranhar que a vocação rudimentar urbana da aldeia Paranati seja um híbrido do pouco que ainda resta da cultura autóctone, somado aos valores de distribuição espacial adquiridos através do convívio com a sociedade regional envolvente. Em seu conjunto, o aldeamento pode ser classificado como uma colagem arquitetônica resultante de tecnologias construtivas de concepção nativa e alienígena que em nada contribui para afirmação de uma singularidade étnica, porque assim como não apresenta aspectos marcantes da cultura habitacional Parakanã, também não apresenta, em sua criação funcional, os valores típicos dos povoados regionais, geralmente geometrizados em sua feição urbanística. Em termos hipotéticos, se pode configurar que o índio Parakanã encontra-se ao meio do caminho, não podendo retornar ao ponto de origem porque os traumas provocados pelo impacto com o homem civilizado apagaram a tribo conhecida, e o ato de seguir em frente torna-se arriscado devido a escuridão. As vicissitudes históricas enfrentadas conferiram ao "branco" o poder da luz. Esta incerteza pode vir a ser uma das causas que determina o sentimento de melancolia que se expressa de maneira acentuada no comportamento coletivo do grupo tribal.

Ao se analisar o Mapa Panorâmico da aldeia, observa-se no centro direito a existência rudimentar de dois arruamentos orientados no sentido sudoeste. Ambas as ruas conduzem principalmente à estrada vicinal que permite o acesso do aldeamento à Transamazônica ou vice-versa. Querer interpretar a tendência de aglutinação das habitações em alusão ao sentido coletivo da casa comunal seria no mínimo leviano, uma vez que as moradias unifamiliares, dispostas ao longo das duas ruas, pertencem a quatro grupos domésticos distintos de um total de cinco, na seguinte proporção *: 2 casas do grupo II; 4 casas do grupo III; 1 casa do grupo IV; 5 casas do grupo V. Um outro fato que inviabiliza esta hipótese, diz respeito especificamente à exclusão do grupo doméstico nº I, cuja liderança é exercida pelo Índio Warirá, filho do chefe-de-aldeia Arakita. * * Caso a ordenação destas casas fosse um remanescente conceitual da *Anga été*, este grupo doméstico deveria invariavelmente estar presente em um dos arruamentos. Os deslocamentos pós-contato levam a crer que a ocorrência das duas ruas seja um reflexo direto do processo de deculturação, não se situando apenas na distribuição espacial em que foram assentados no Posto Indígena Lontra, como também pela visão interpretativa urbana que absorveram dos povoamentos que hoje freqüentam como a Vila do Repartimento, Tucuruí e Marabá.

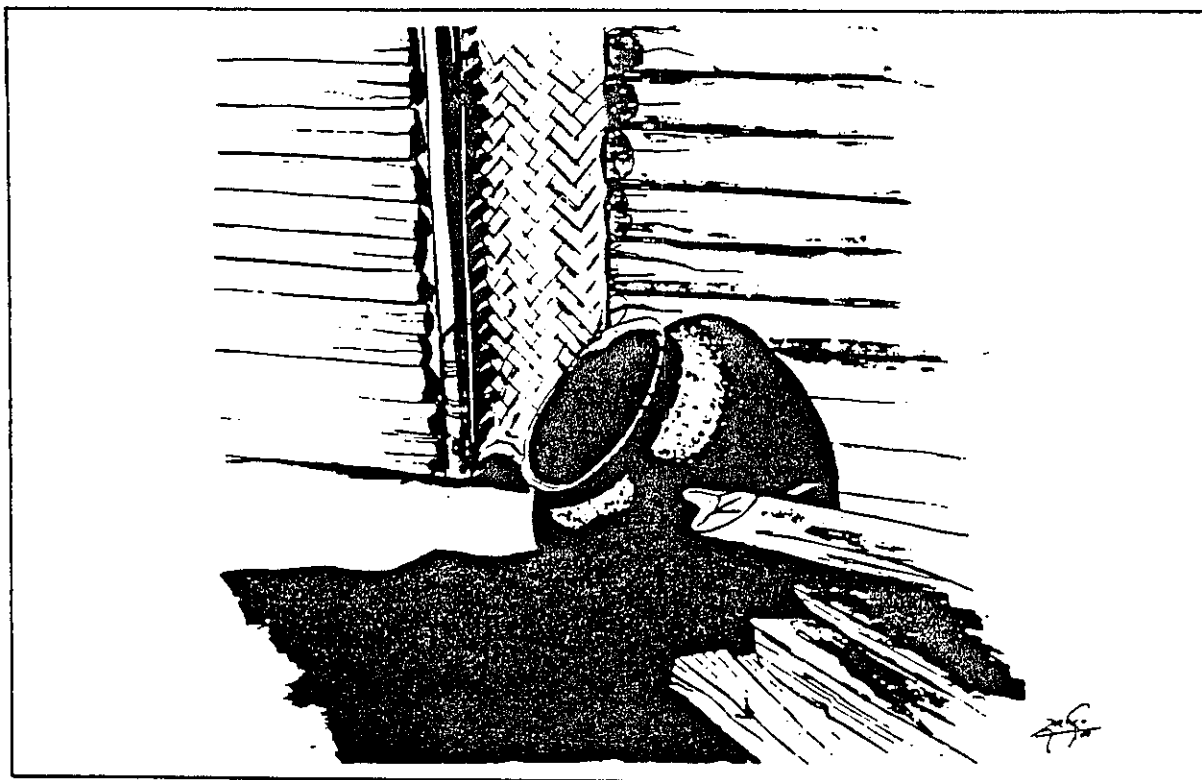
Um aspecto curioso que chama atenção é a posição geográfica estratégica da casa nº 24, habitada pelo chefe-de-aldeia Arakita. Situa-se de forma a estar protegida pelas demais habitações, principalmente quando se leva em conta que a frente do aldeamento é voltada para a estrada vicinal. Entretanto, sua localização apresenta acesso extremamente facilitado ao complexo assistencial do Posto Indígena, situado a uma distância de aproximadamente 120 metros.

Na continuidade da análise do Mapa Panorâmico da aldeia, nota-se que a periferia é ocupada por um maior número de galinheiros do que cozinhas. Muito embora os índios Parakanã não tenham por hábito a ingestão da carne de aves. As aves silvestres como o mutum (*Mytūa*), jacu (*Xakua*), gavião-real (*Kuanô été*) e tucano (*Tukuna*) são abatidas com a finalidade de extração das penas e penugens necessárias ao adorno de objetos da cultura material. Normalmente, a carne das duas primeiras aves é apresentada ao pessoal residente no Posto Indígena. A criação de aves domésticas e seu subproduto tem por objetivo exclusivo a comercialização que facilita a aquisição de bens de consumo adquiridos nas cidades próximas à área indígena.

* Ver Mapa dos Grupos de Produção.

* * Como os índios Parakanã não apresentam uma liderança centralizada, optamos pelo uso do substantivo "chefe-de-aldeia", ao invés do termo "capitão", criado pelo extinto SPI e empregado de forma generalizada para caracterizar a liderança individual efetiva, ou não, de diferentes povos indígenas.

O contato intermitente com os mercados fornecedores de bens de consumo industrializados pode ser avaliado por uma centena de objetos utilitários acumulados no interior das habitações e na cantina. Porém, a situação que impressiona e conduz à reflexão é observada no lixo espalhado na periferia da aldeia. Neste contexto, verifica-se uma gama variada de instrumentos alienígenas em desuso como facas, facões, enxadas, plantadeiras manuais, machados, lanternas, pilhas e garrafas térmicas que, somados a enlatados remanescentes de diferentes produtos alimentícios, panelas de alumínio, plásticos em geral e restos da indumentária típica do branco, denotam os aspectos vacilantes do processo de aculturação acelerada. O lixo disperso no entorno do aldeamento, além de provocar uma queda considerável na qualidade sanitária do ambiente, caracteriza a forma perdulária com que são adquiridos e utilizados esses produtos industriais, assim como torna notória a falta de critérios seletivos racionais na aquisição destes bens fungíveis. A arte da cerâmica Parakanã é reconhecida pela qualidade de sua técnica e pela função utilitária e estético-simbólica que encerra. Portanto, torna-se contraditória, e até certo ponto inconseqüente, a compra e distribuição de grandes panelas de alumínio – que, para sua conservação adequada, exigem sabão, esponja de aço e detergentes que não são de total domínio indígena – quando na cultura material existe um similar com a excelência da *Xaen**, panela de barro empregada unicamente para o cozimento da carne de anta (*Tapi'ira*) e Jaboti (*Xautia*). O mesmo raciocínio crítico pode ser feito em relação à rede de dormir (*Tupawa*).



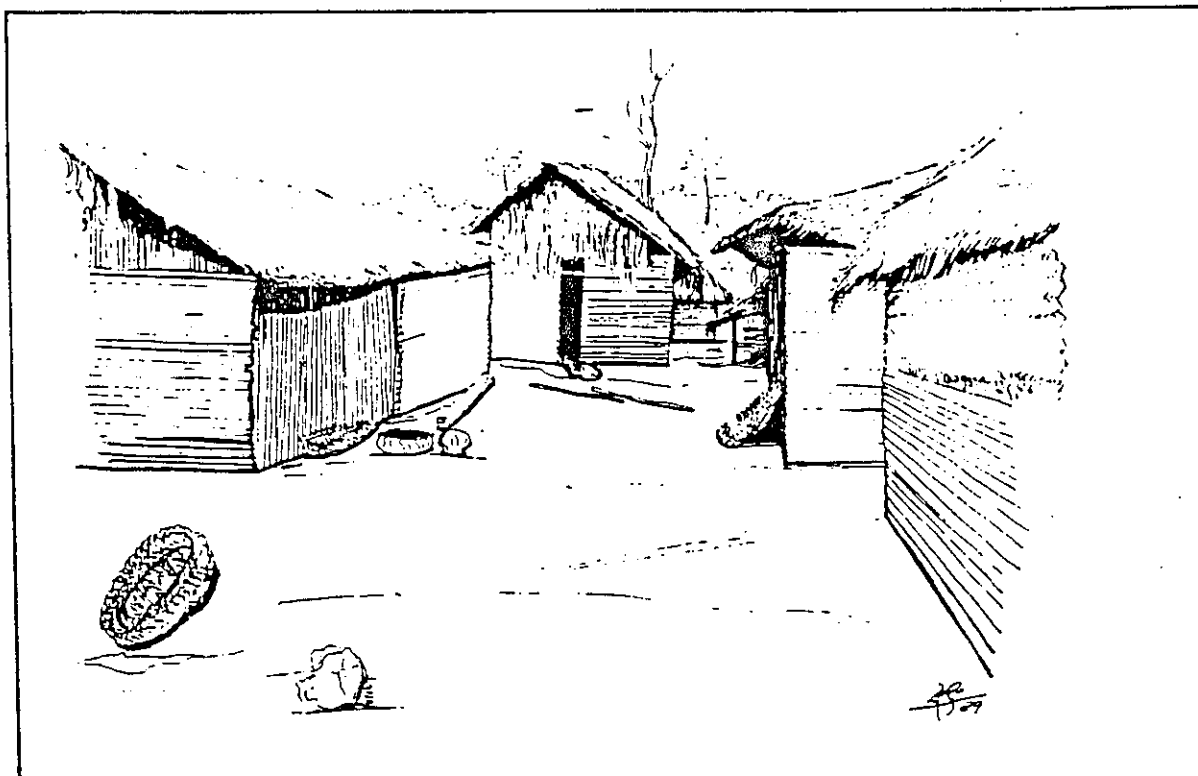
* Panela de barro empregada para o cozimento da carne de anta e jaboti. *Xaen*.

Os aspectos oscilantes entre o que está sendo realizado e aquilo que poderá ser feito no sentido de promover o indígena Parakanã à autodeterminação, assenta-se necessariamente em base sólida ou ponto de partida que reforce de forma marcante os valores culturais da etnicidade, representados na arte, assim como na língua, a fim de decodificar o simbolismo contido nas matérias-primas, na casa, nos objetos e nas narrativas místicas. Não serão nossos princípios civilizatórios protecionistas ou liberais que os farão menos melancólicos ou mais seguros, mas a convicção de que possuem uma identidade étnica singular e firme, capaz de conviver em equilíbrio com a complexidade social, política e econômica da sociedade nacional.

Ao mesmo tempo, o caso em apreço exige uma reflexão conceitual profunda por parte dos profissionais e técnicos envolvidos no Programa. Deve-se, assim, posteriormente, promover uma discussão de caráter antropológico e educacional entre a equipe multidisciplinar e administrativa do Programa Parakanã, juntamente com a participação dos líderes dos grupos domésticos. Neste debate amplo estabelecer-se-iam metas a serem cumpridas por cada um dos subprogramas, de modo a concretizar-se efetivamente o estímulo à identidade étnica do povo Parakanã, como forma de autodeterminação tribal.

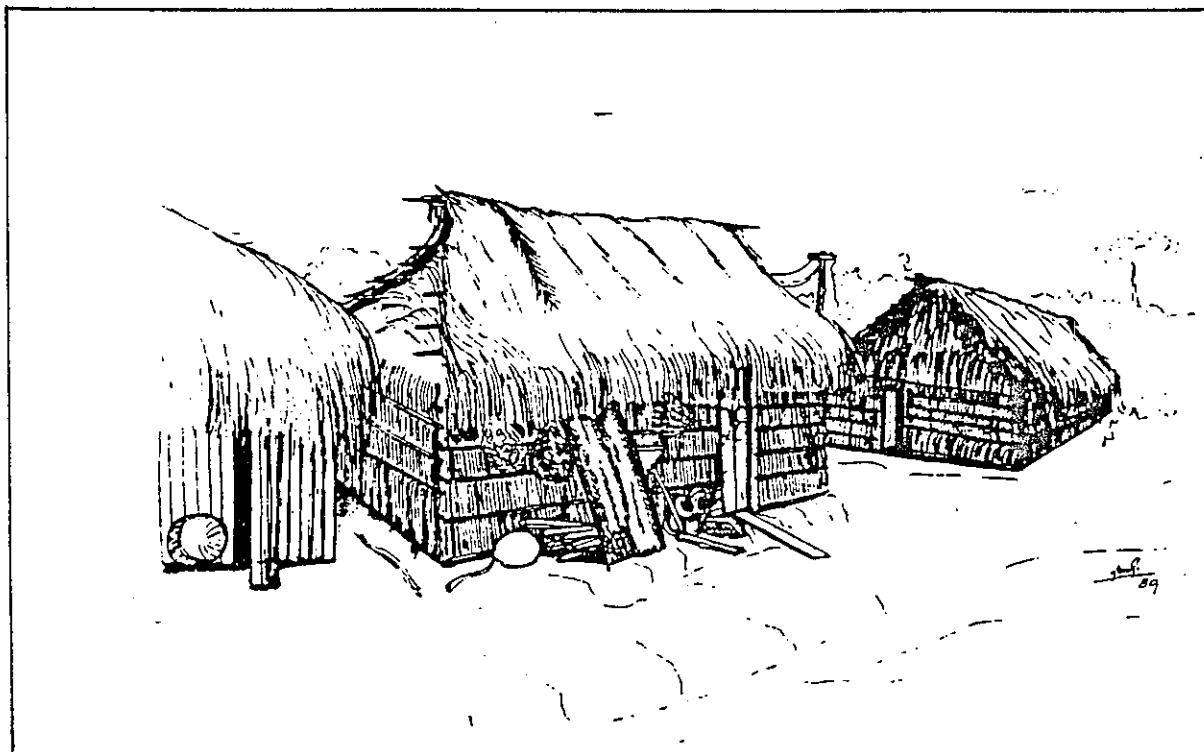
Atualmente, a aldeia Paranati * é formada por 32 habitações unifamiliares, além da cantina e das duas casas de hóspedes recentemente construídas, que abrigam uma população efetiva de 183 indivíduos, sendo 90 do sexo masculino e 93 do sexo feminino. A aldeia conta ainda com um total de 15 cozinhas (*Tataupawa*) e 8 galinheiros pertencentes aos 5 grupos domésticos existentes. Anteriormente ao contato, os Parakanã tinham seus fogos familiares no interior da *Anga été* e próximos às redes. Ainda hoje, observa-se esta tradição cultural em algumas casas, onde os fogos são mais utilizados para o moquém (*Warikuré*). O hábito de a cozinha estar separada da habitação advém do período pós-contato e segue os costumes da população regional rural.

* Ver Mapa Panorâmico da aldeia Paranati.



• **Aldeia Paranati.**

As matérias-primas empregadas na casa Parakanã são de origem essencialmente vegetal. Destacam-se as madeiras roliças de pau d'arco (*Tabebuia serratifolia*) e acariquara (*Minquartia guianensis*) utilizadas para os esteios e travessas. O emprego da pindaíba (*Xylopia sericea*) é mais freqüente no encaibramento do telhado, embora também seja usada como travessa em várias habitações. A vedação das paredes na maioria das casas é feita com ripas desdobradas do estipe da palmeira paxiúba (*Iriartea exhoriza*), dispostas em algumas habitações no sentido vertical, à semelhança das benfeitorias do Posto Indígena. Nas moradias construídas há menos tempo, a disposição das mesmas é feita no sentido horizontal. Esta prática apresenta uma racionalidade maior do que a anterior, pois a deterioração natural da madeira próxima à superfície do solo exige apenas a substituição do terço inferior da parede, enquanto que na outra disposição (vertical) há necessidade de se trocar a totalidade da parede. Entretanto, ainda existem habitações totalmente construídas em palha de babaçu (*Pinaóu*), cujo principal destaque cabe às casas de números 20 e 28 *, devido às dimensões variadas de ambas e esmero na qualidade construtiva.

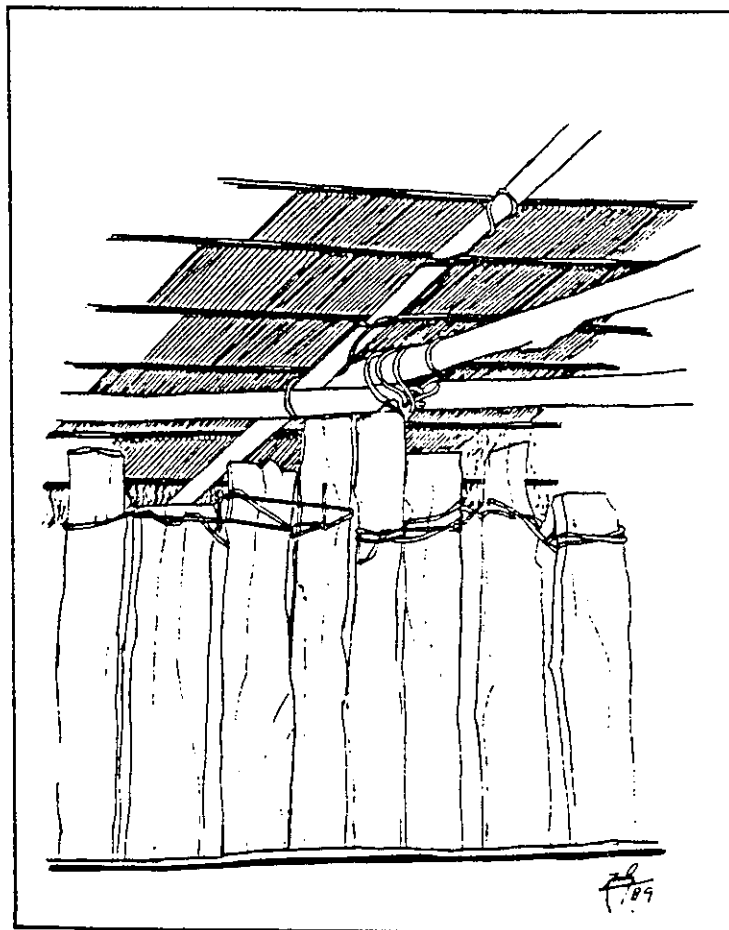


• Casa número 28, construída em palha de babaçu (*Pinaçu*).

A cobertura de todas as construções existentes na aldeia é feita unicamente com as folhas do “olho” da palmeira de babaçu (*Orbignya martiana*), cuja durabilidade dificilmente ultrapassa 3 anos. Vale destacar que outrora a palha de babaçu era presa aos caibros por meio de amarração com o cipó *Kurawa*, porém, atualmente são fixadas por pregos cravados sobre a raque da folha. O emprego desta matéria-prima para cobertura representa um verdadeiro vínculo com a casa comunal, assim como a ausência de janelas em todas as habitações unifamiliares significa a presença tênue dos valores funcionais e estéticos da *Anga été* que ainda são preservados como resquícios da identidade étnica.

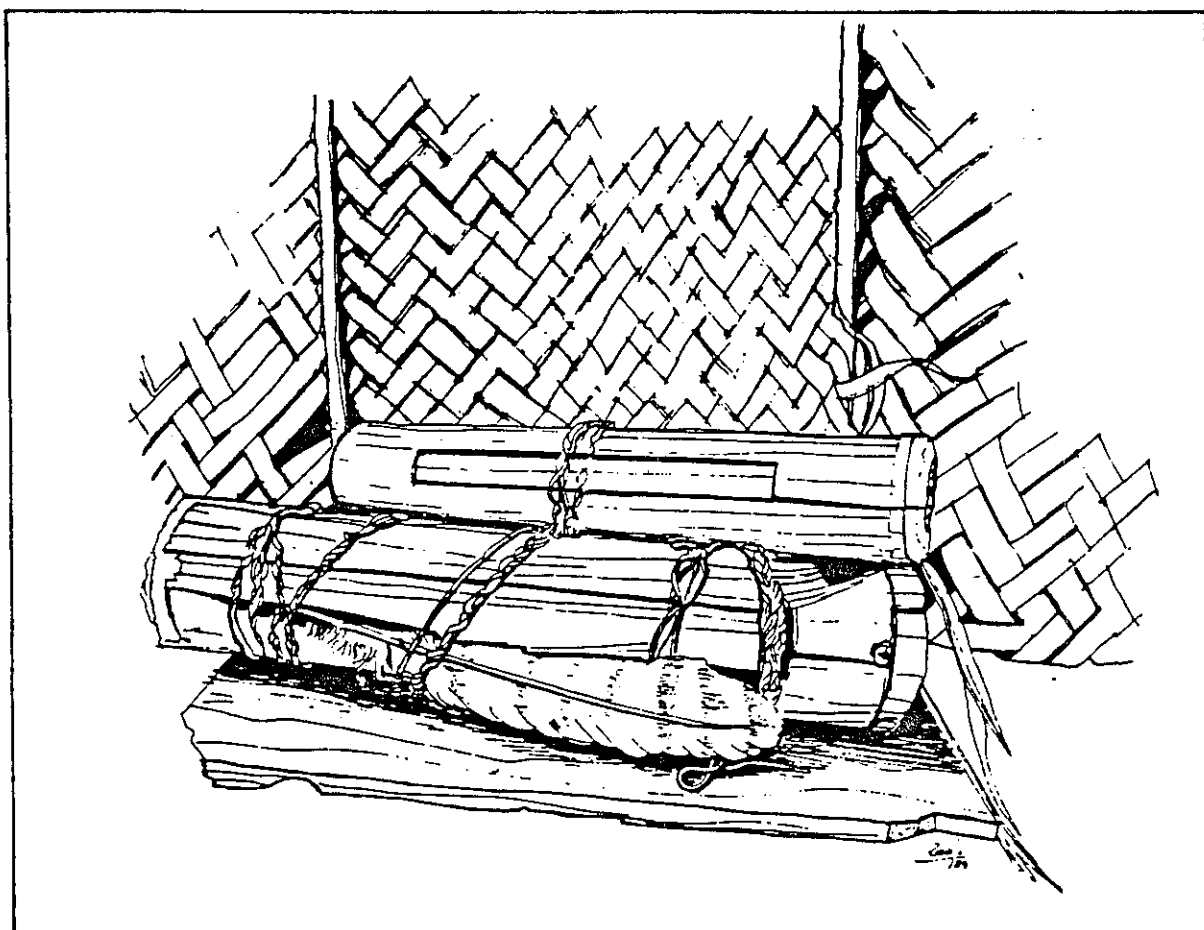
A expressiva variedade de matérias-primas e as soluções improvisadas de fixação dadas às portas das habitações vêm comprovar a dificuldade do índio Parakanã no manuseio de tecnologias alienígenas adquiridas do civilizado. Isto se explica, principalmente, porque a casa comunal apresentava 5 a 6 pequenas aberturas que ficavam semi-encobertas pela palha, não havendo, portanto, a necessidade do uso de portas.

Do conjunto habitacional da aldeia, formado pelas 32 moradias e suas respectivas unidades de apoio, foram selecionadas 10 casas que se destacam das demais devido a aspectos relacionados com o emprego da matéria-prima, sistema construtivo e distribuição espacial interna. De acordo com estes parâmetros, salienta-se: a casa nº 21, cujas paredes e porta são confeccionadas com madeira de marupá (*Kurywa*); * a casa nº 10, por apresentar a cozinha contígua à habitação; a casa nºs 22/23, pela singularidade de ser a única moradia com vocação de uso geminado existente no aldeamento. No sentido de tornar o assunto compreensível do ponto de vista arquitetônico, reuniu-se no Apêndice I, as correspondentes fichas de campo que detalham as habitações citadas.



* Vedação em madeira lascada de marupá (*Kurywa*).

Os artefatos da cultura material e os alienígenas são guardados no interior da moradia, alguns junto às paredes e normalmente entre as palhas como é o caso das flechas, fusos (*E'yma*), goivas (*Paratia*), facas e facões. Junto aos esteios ou travessas são fixadas as redes (*Tupawa*) e pendurados os recipientes de cerâmica, onde são conservadas as penugens de tucano (*Tukunawyrua*), tipóia (*Tapaxa*), feixes de flechas recentemente confeccionadas, sacolas de plástico e roupas em geral. No chão e geralmente encostados às paredes, ficam o arco, as panelas de cerâmica, a espingarda, a plantadeira manual, as enxadas e cavadeiras. Na maioria das casas, verifica-se a existência de um pequeno girau, benfeitoria remanescente da casa comunal, muito embora na maioria dos casos, sirva para depositar materiais alienígenas como latas de farinha, malas, guarda-chuvas, bolsas e roupas. Com freqüência, constatou-se neste espaço a presença de um único objeto da cultura material. Trata-se do *Takwariru**, estojo confeccionado de taquara, com aproximadamente 50cm de comprimento, que serve para depositar penas de gavião-real (*Kuanô été*) empregadas na emplumação das flechas.



* Estojo que serve para depositar penas de gavião-real. *Takwariru*.

Observando-se o Mapa Panorâmico da aldeia Paranati com maior acuidade antropológica, verifica-se a inexistência de um espaço que delimite uma praça, onde possam ser congregadas as atividades lúdicas ou mítico-religiosas. O grau de sociabilidade intergrupar da aldeia se desenvolve nos espaços vazios existentes entre as habitações e não configura um espaço físico delimitado. Nestes locais, as crianças brincam, os adultos conversam ou lubrificam suas espingardas e as mulheres iniciam as primeiras etapas de preparação da farinha (*U'ia*) ou dedicam-se à confecção de objetos utilitários da cultura material. A ausência de um espaço físico centralizador no aldeamento talvez esteja associada à própria característica da estrutura social dos Índios Parakanã, pois é reconhecida a inexistência de uma liderança centralizada que dirija o destino desses Índios. O chefe-de-aldeia Arakita personifica unicamente a figura dos mais velho (*Muruirua*). Seu poder não está investido da capacidade de articulação como conselheiro do relacionamento interétnico e afazeres de todo o grupo local. A liderança em Paranati está diluída nos 5 grupos domésticos de produção, representada nos Índios Warirá, Mutiapewa, Wararua, Ipirakye e Awapi'ia, que agem em conformidade com as limitações de seu grupo correspondente. Há ainda, dentro de cada um dos grupos, lideranças familiares menores, identificadas basicamente com a idade de seus membros. A liderança mitigada exercida pelos Parakanã talvez seja um dos fatores que tenham contribuído para o obsessivo desejo de possuírem os bens de consumo da sociedade envolvente. Os dois fatores somados e aliados ao "ter" – representado pelo domínio das matérias-primas – e ao "querer" – simbolizado na compreensão pictórica da sociedade regional – podem ter influenciado de forma categórica a distribuição espacial e construtiva da aldeia Paranati. A negação da indianidade se contrapõe aos valores materiais e mítico-religiosos da identidade étnica e representa o caminho mais curto para a extinção tribal. Os Parakanã, devido às ações externas conhecidas, com conseqüências marcantes ou impactantes dentro do próprio grupo, subliminaram aspectos fundamentais da etnicidade, colocando-os, no momento, num estágio letárgico de vivência grupar.

Dois aspectos significativos servem para explicitar o sentido subliminar da identidade étnica vivenciada pelos Parakanã. O primeiro está relacionado à *Tekatawa* ou roda-dos-fumantes, como registra a bibliografia. Este espaço destinado à reunião noturna dos homens normalmente fica afastado das moradias, podendo existir como edificação ou se resumir a um espaço físico delimitado no entorno mais distante da aldeia. Atualmente, a *Tekatawa* dista aproximadamente 100m do aldeamento. Em reunião com os líderes dos grupos domésticos, ficou clara a disposição dos mesmos de que esta deveria ser a primeira edificação construída

na nova aldeia. É benéfico o fato de demonstrarem interesse de que este espaço físico corresponda à primeira obra a ser construída. Entretanto, torna-se evidente o desgaste dos valores étnicos, uma vez que residem há 6 anos na aldeia Paranati e não houve estímulo intergrupar para a construção da *Tekatawa*, levando a concluir que as reuniões noturnas realizadas a céu aberto restringiram-se mais especificamente à estação seca. O segundo aspecto relaciona-se à *Tokaxa* ou casa cerimonial. Edificação também situada com afastamento das casas residenciais, porém, mais próximas que a *Tekatawa*, segundo informações dos líderes domésticos. Sua utilização é temporária, ocorrendo apenas no período do verão para realização de rituais mítico-religiosos. Passado esse período, poderá servir como local de recreação para as crianças ou para afazeres diversos dos adultos. Os levantamentos efetuados na aldeia Paranati, contudo, comprovaram a total inexistência de vestígios desta casa cerimonial, enquanto que os índios não souberam precisar a data em que haviam erguido a última *Tokaxa*.

Uma outra hipótese nos campos arquitetônico e antropológico pode ser formulada. A situação equidistante das duas edificações consagradas da essência cultural Parakanã tornam o aldeamento vulnerável às influências externas provenientes da sociedade envolvente. Ao ponto de ambas habitações cerimoniais deixarem de existir como edificação física visível. A simples delimitação física a céu aberto da *Tekatawa* e a ausência da *Tokaxa* fragmentam de tal forma o *ethos* tribal, que a identidade étnica parece pertencer exclusivamente ao ideal estético dos antepassados, enterrados no exato local onde outrora estiveram localizadas suas redes. Berta Ribeiro afirma com razão que "o legado do índio à cultura brasileira e universal, na sua qualidade de *Homo faber*, ainda não foi totalmente avaliado. Talvez nunca venha a sê-lo, em toda plenitude, porque grande parte do saber, do conhecimento e manejo da natureza por parte do índio se perdeu na noite dos tempos" (1979:41).

O Quadro Analítico I foi elaborado de maneira que os dados coletados na pesquisa de campo pudessem ser decodificados visualmente e facilmente compreendidos, atendendo-se principalmente na relação existente entre a área de cada habitação (m²) e o número de habitantes. Esses dados foram cruzados com as informações levantadas pelo médico sanitário, Raimundo Camurça, a partir das condições de saúde de cada indivíduo, permitindo desta feita, caracterizar as condições sanitárias de cada moradia da aldeia Paranati.

As 32 moradias existentes no aldeamento somam uma área total de 1.101,4m². Como a população é formada por 183 silvícolas, isto estabelece uma área média de 6,0m² para

cada indivíduo. Caso fosse mantida a tradição da casa comunal, esta deveria apresentar as dimensões de 22m de frente por 50m de fundos, o que equivaleria à metade da área da Catedral de Brasília.

Observando-se com atenção a terceira coluna do quadro analítico, verifica-se que a casa nº 24 apresenta área e número de habitantes maiores do que as demais, ou seja, 74,10 m² para 14 pessoas, correspondendo a uma área de 5,3m² para cada morador. Levando-se em conta que esta moradia pertence ao chefe-de-aldeia Arakita, torna-se viável considerar que o espaço ocupado por sua família nuclear se aproxima do ideal de ocupação individual, outrora empregado pelos Índios Parakanã. Novamente, multiplicando-se o número de 183 indivíduos por 5,3m², obtém-se uma área média para a aldeia de 969,9m². A relação resultante da casa comunal reconstituída pela Fundação DAM – equivalente a 125,4m² – e a área média da aldeia supracitada representa um valor igual a 7. Este resultado significa que, no estágio atual, a aldeia Paranati seria formada por 7 casas comunais. Logo, pode-se constatar que estas 7 casas comunais abrigariam os 5 grupos domésticos de produção da seguinte forma: Uma casa comunal para cada um dos grupos I, II e V que possuem, em média, 20 componentes, e duas casas comunais para cada um dos grupos III e IV, que reúnem a média de 50 pessoas.

A última coluna do Quadro Analítico I aborda as condições sanitárias de cada moradia. Os dados apresentados foram levantados pelo Coordenador do Subprograma de Saúde, Dr. Raimundo Camurça, a partir de 2 parâmetros básicos: o primeiro, relacionado ao estado nutricional dos habitantes de cada casa; o segundo, de acordo com a presença de parasitas identificados em cada morador. A escala estabelecida apresenta uma variação de zero a 10, onde valores tendentes a zero refletem os mais baixos índices de saúde por unidade familiar pesquisada.

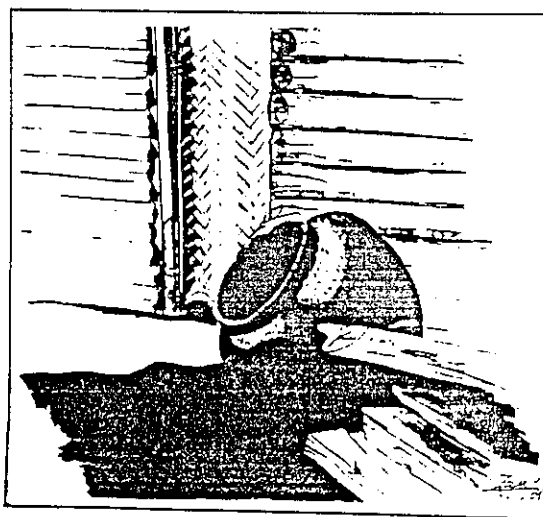
Das 31 habitações efetivamente habitadas da Aldeia Paranati, 17 delas apresentam índices que variam de 1.0 a 1.5, ou seja, 54,84% da população alvo situa-se no grupo caracterizado pelo mais baixo índice de saúde.

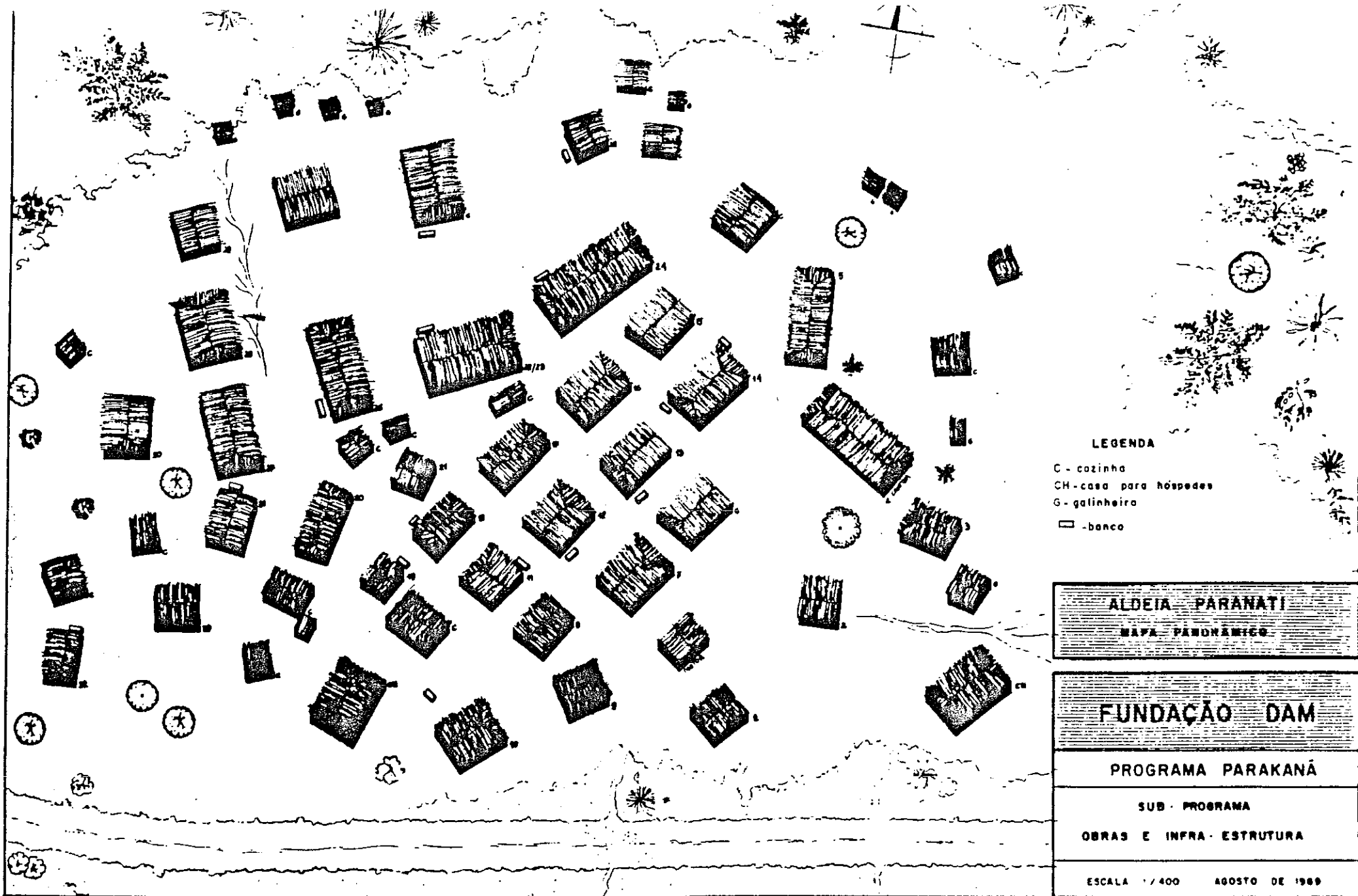
É importante destacar que, das 17 unidades familiares anteriormente aludidas, apenas 3, isto é, 17,65%, habitam casas construídas exclusivamente com palha de babaçu – material criticado pela população da aldeia por propiciar a proliferação de baratas. As demais habitações utilizam, como matéria-prima, a paxiúba, este sim, material atualmente apreciado.

Portanto, não é prematuro afirmar que não existe, a princípio, correlação direta e exclusiva entre a matéria-prima empregada nas moradias e o índice registrado de saúde.

Não obstante a suplementação alimentar fornecida diariamente a 80 membros – crianças, gestantes e nutrizes – da população, surge como elemento explicativo do fenômeno acima descrito a mudança dos hábitos alimentares, especialmente aqueles adquiridos após o contato com o branco, e a baixa produtividade das fontes locais de subsistência – os roçados.

Finalmente, cumpre destacar que considera-se uma pálida conquista o consenso alcançado entre os índios, chefe do Posto Indígena e técnicos da Fundação DAM, quanto à seleção do local adequado para assentamento da nova aldeia. O sítio escolhido, por iniciativa dos Parakanã, está localizado em um promontório relativamente elevado e apresenta como qualidades ambientais dominantes: solo seco, fácil drenagem das águas na estação chuvosa, ótima ventilação. A distância entre a área selecionada e o Posto Indígena é de aproximadamente 850 metros. A simples escolha do local para construção da futura aldeia representa apenas o estágio embrionário do processo de autoconstrução estimulado pela Fundação DAM. Entretanto, este estado pré-natal poderá conduzir à maturidade do grupo tribal, a fim de poder escolher livremente o que desejam assimilar de nossa cultura e o que querem manter da deles. Contudo, sem que haja a necessidade de mimetizarem o "Tori" para não serem discriminados pela própria cultura que imitam, mas que por consequência direta, os descaracterizam como minoria étnica.





LEGENDA

- C - cozinha
- CH - casa para hóspedes
- G - galinheiro
- - banco

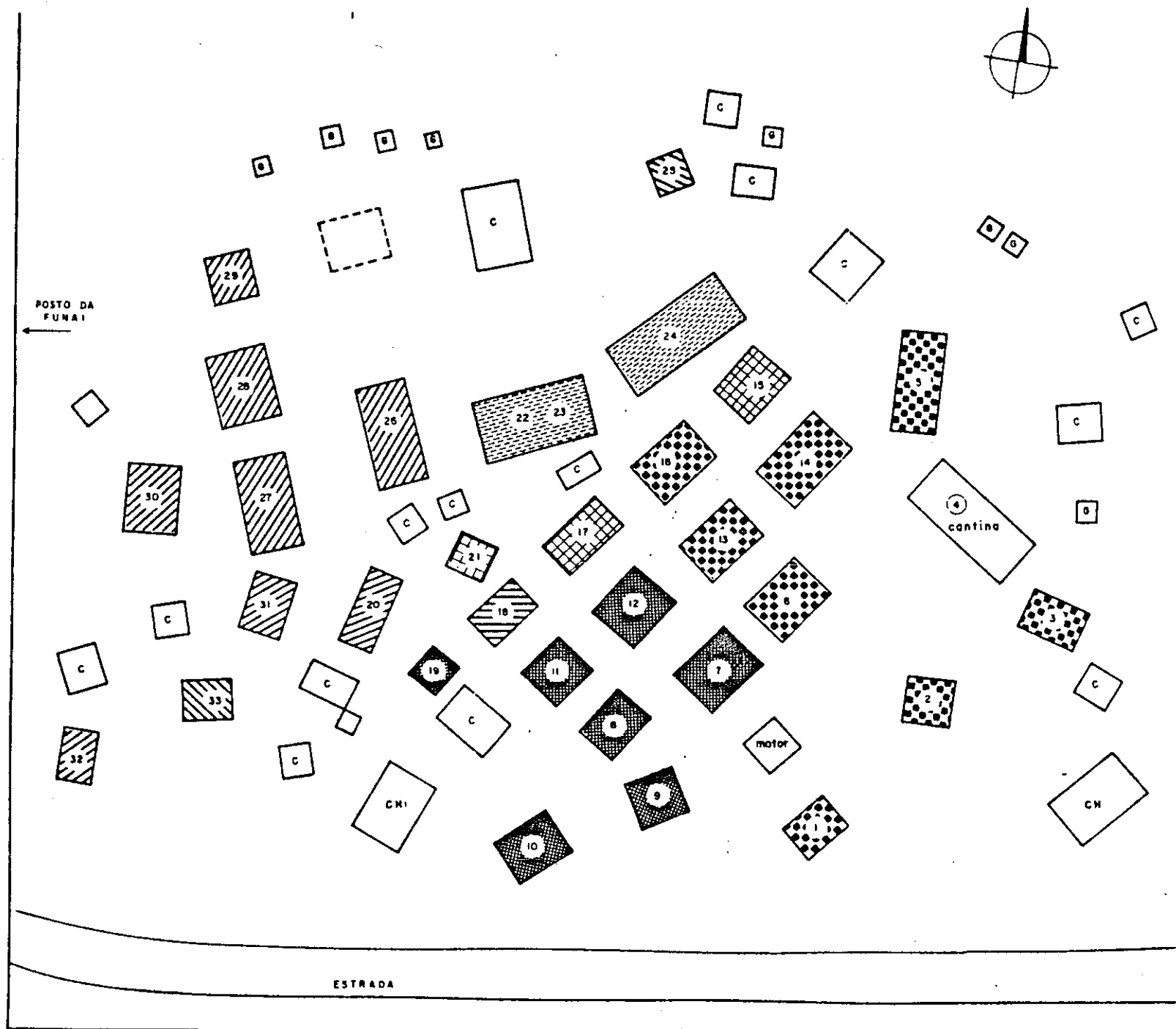
ALDEIA - PARANATI
MAPA PANORÂMICO

FUNDAÇÃO DAM




PROGRAMA PARAKANÁ

SUB - PROGRAMA
OBRAS E INFRA - ESTRUTURA

ESCALA 1/400 AGOSTO DE 1969



GRUPOS DE PRODUÇÃO

-  GRUPO I - Werirã
-  GRUPO II - Mutiepawa
-  GRUPO III - Werarua
-  GRUPO IV - Ipirakye
-  GRUPO V - Awabitiã

LEGENDA:

- C - cozinha
- G - galinheiro
- CH - casa para hóspedes

FUNDAÇÃO DAM

PROGRAMA PARAKANÃ

SUB-PROGRAMA

OBRAS E INFRA-ESTRUTURA

ESCALA: 1/400 AGOSTO DE 1969

FUNDAÇÃO DAM

ALDEIA PARANATI

PROGRAMA PARAKANÃ
SUB-PROGRAMA OBRAS E INFRA-ESTRUTURA

QUADRO ANALÍTICO I

AGOSTO DE 1988

CASA Nº	GRUPO	ÁREA m ²	VOLUME m ³	Nº HABITANTES	CONDIÇÕES SANITÁRIAS
01	III	19,11	51,59	3	4,5
02	III	22,54	60,85	2	4,0
03	III	21,84	58,96	3	3,5
04	CANTINA	64,77	174,88	-	-
05	III	44,10	119,07	8	1,5
06	III	35,88	96,08	5	1,5
07	V	39,33	106,19	5	1,5
08	V	23,52	63,50	4	2,5
09	V	24,00	64,80	EM CONSTRUÇÃO	-
10	V	48,78	131,70	9	1,0
11	V	26,01	70,22	7	1,0
12	V	34,02	91,85	8	2,5
13	III	33,32	89,96	9	1,5
14	III	42,93	109,47	5	3,0
15	II	34,68	93,63	7	1,5
16	III	35,50	95,85	7	1,5
17	II	33,12	89,42	7	1,5
18	IV	29,28	79,06	4	2,5
19	V	20,25	54,67	4	2,0
20	IV	24,60	70,11	4	1,5
21	II	14,80	39,96	5	1,5
22	I	63,80	178,64	3	2,0
23	I			8	1,5
24	I	74,10	111,5	14	2,0
25	IV	12,58	33,96	2	2,0
26	IV	48,00	129,60	8	5
27	IV	48,76	131,65	2	2,5
28	IV	57,60	155,52	5	-
29	IV	21,60	58,32	6	5
30	IV	34,84	94,06	6	1,5
31	IV	25,62	69,17	3	4,0
32	IV	19,64	52,48	7	1,0
33	IV	22,55	60,88	13	1,0

· CONDIÇÕES SANITÁRIAS : ESCALA DE 0 a 10

● O ROÇADO

A inclusão da pesquisa sobre o roçado da aldeia Paranati se justifica porque, tanto o abrigo quanto as atividades de subsistência, são fundamentais para a vida do índio e interrelacionados de forma tal que não se pode analisar um sem estudar o outro. Constatou-se que os Parakanã têm na agricultura e na caça os principais meios de obtenção de alimentos, sendo a pesca e a coleta atividades complementares.

A produção de alimentos está condicionada ao ciclo das estações, que na Hiléia são caracterizadas pelo período das águas e da seca. Na estação das chuvas, há uma maior variedade de frutos e a caça torna-se facilitada devido à trilha deixada pelos animais. Mas é no período da estiagem que esse recurso é utilizado com maior intensidade e pode ser efetuado tanto em caráter familiar como grupal. Concomitantemente, é iniciado o preparo da terra para o plantio.

O trabalho no roçado está dividido em duas fases que distinguem-se tradicionalmente pelas práticas desenvolvidas, uma pelo homem, outra pela mulher. A participação do homem na formação do roçado é estanque e está limitada inicialmente à broca e derrubada da mata e, posteriormente, à queima e limpeza do terreno, caracterizando, desta feita, a primitiva agricultura de coivara. Essa fase corresponde aos meses de junho a novembro. A mulher assume, a partir de então, todos os trabalhos de produção de alimentos, realizando, a princípio, o semeio e plantio de mudas, correspondendo ao início da estação das chuvas. A colheita e o transporte dos produtos oriundos do roçado são atividades originalmente femininas que prolongam-se pelo ano inteiro.

Atualmente, os principais produtos do roçado são: mandioca brava (*Mani'anga*), banana (*Xatá*), arroz (*Awati'ia*), batata (*Xeti anawa*), milho (*Awatia*) e macacheira (*Manitawa*). Ao contrário do que normalmente ocorre com a maioria das tribos do tronco lingüístico tupi, a prática do plantio do algodão entre os índios Parakanã não foi constatada. Isto pode ser confirmado ao se observar que as redes (*Tupawa*), hoje, são confeccionadas com fio de algodão industrializado, embora ainda conservem a técnica de tingimento com pigmentos naturais. Cabe ainda acrescentar que o cultivo do arroz (*Awati'ia*) é uma prática alienígena desenvolvida unicamente pelo homem e sob orientação dos técnicos do Posto Indígena.

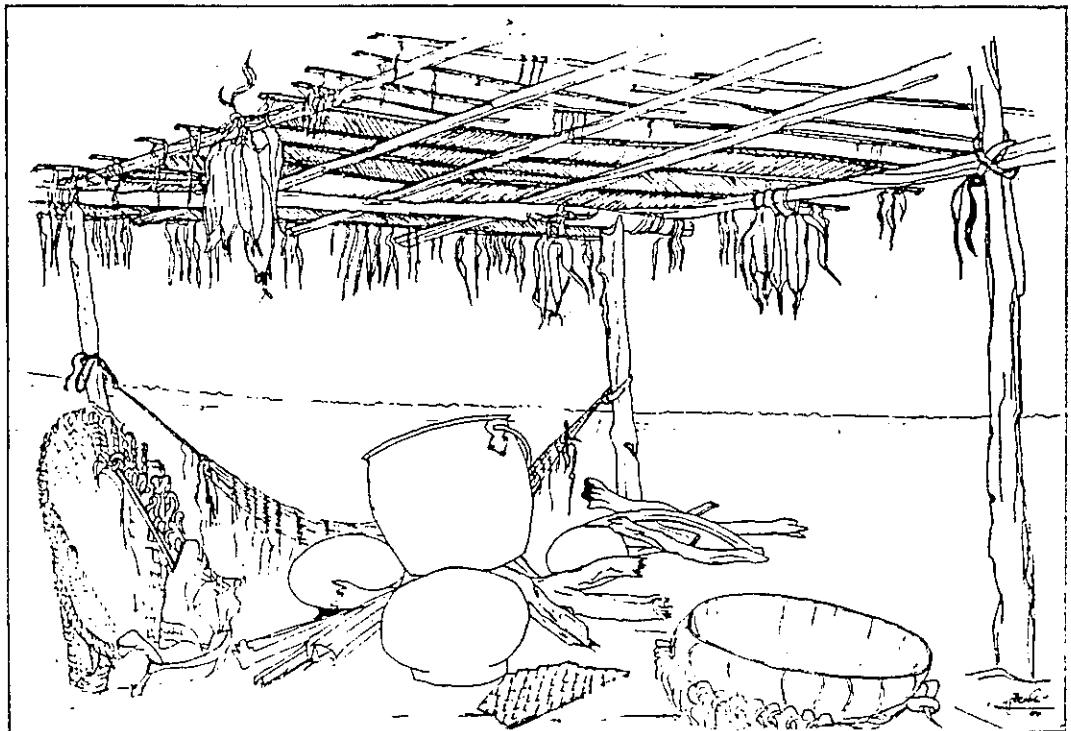
A atividade agrícola se constitui fundamentalmente em prática coletiva dos grupos domésticos, sendo os seus líderes os responsáveis pela escolha do local para a instalação do roçado. Ao analisar o mapa dos Grupos de Produção, observa-se que a aldeia Paranati está formada por cinco destes agrupamentos. É o fato mais marcante é a proximidade das habitações dos componentes de cada um dos grupos. Pode-se concluir, portanto, que é a existência dos grupos domésticos que caracteriza uma aglutinação das moradias ocupadas por cada agrupamento, determinando, desta forma, a configuração espacial da aldeia. Esta particularidade poderá ser interpretada como o último vestígio da tentativa dos aborígenes de se aproximarem da funcionalidade comunitária da casa comunal.

Analisando especificamente as culturas de mandioca e arroz, cujos dados estão expostos no Quadro Analítico II, constata-se que não há relação de proporcionalidade entre o número de indivíduos de cada grupo e o total da área de seu roçado. Um fato que, a princípio, chama atenção, diz respeito ao grupo IV, liderado pelo índio Ipirakye. Embora conte com o maior número de indivíduos (58), possui a menor área de roçado (4,681/ha), equivalente a 807m² per capita. Já o grupo I, sob a liderança de Warirá, com praticamente a metade do número de indivíduos (26), dispõe de uma área de 2.498m² per capita, correspondendo ao total de 6,495/ha. Estes aspectos aparentemente conflitantes merecem um estudo antropológico aprofundado para que se possa avaliar com precisão as conseqüências que esta relação desproporcional entre número de indivíduos e disponibilidade de área cultivada terá sobre a oferta alimentar para o grupo doméstico.

No sentido de contribuir para a elucidação desses aspectos interrogativos, foi confeccionado o mapa esquemático dos roçados para que sirva de subsídio a estudos técnicos em nível multidisciplinar de forma a se responder satisfatoriamente essa questão afeta diretamente ao bem estar do povo Parakanã.

Um outro questionamento pode ser feito com relação à capacidade de preparo e cultivo do roçado entre os grupos domésticos da aldeia Paranati. Berta Ribeiro, referindo-se aos Asurini, também um grupo tupi, afirma: "Uma população de 54 pessoas, com uma força de trabalho de 46 indivíduos (19 homens e 27 mulheres), cultiva cerca de 33 ha, ou seja, 2,8 ha por homem-mulher/ano de área lavrada" (1982:38). Ao se levar em consideração o grupo doméstico I, que apresenta a utilização da maior área per capita em relação aos indivíduos efetivamente produtivos, verificar-se-á a proporção de 1,29 ha/pessoa. Com exceção, do grupo II, liderado pelo índio Mutiapewa, os outros 3 grupos domésticos não chegam a alcançar a capacidade produtiva individual de 1 hectare.

Estes dados induzem à seguinte reflexão: seriam agricultores incipientes os Índios Parakanã ou a baixa taxa de ocupação da área agrícola é um reflexo do processo de deculturação já constatado no hábito de morar, na produção de artefatos da cultura material e no distanciamento de suas manifestações mítico-religiosas? A falta de um referencial étnico causado por influência externa conduz facilmente à negação da indianidade porque quebra a estrutura social do grupo indígena e os deixa à mercê dessas influências predatórias ou protecionistas, a ponto de colocar em risco até mesmo a produção de alimentos indispensáveis à vida.



* Cozinha unifamiliar da aldeia Paranati.

FUNDAÇÃO DAM

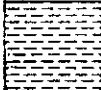
ALDEIA PARANATI


PROGRAMA PARAKANÁ


QUADRO ANALÍTICO II


SUB-PROGRAMA - OBRAS E INFRA-ESTRUTURA

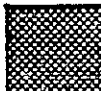
AGOSTO DE 1989

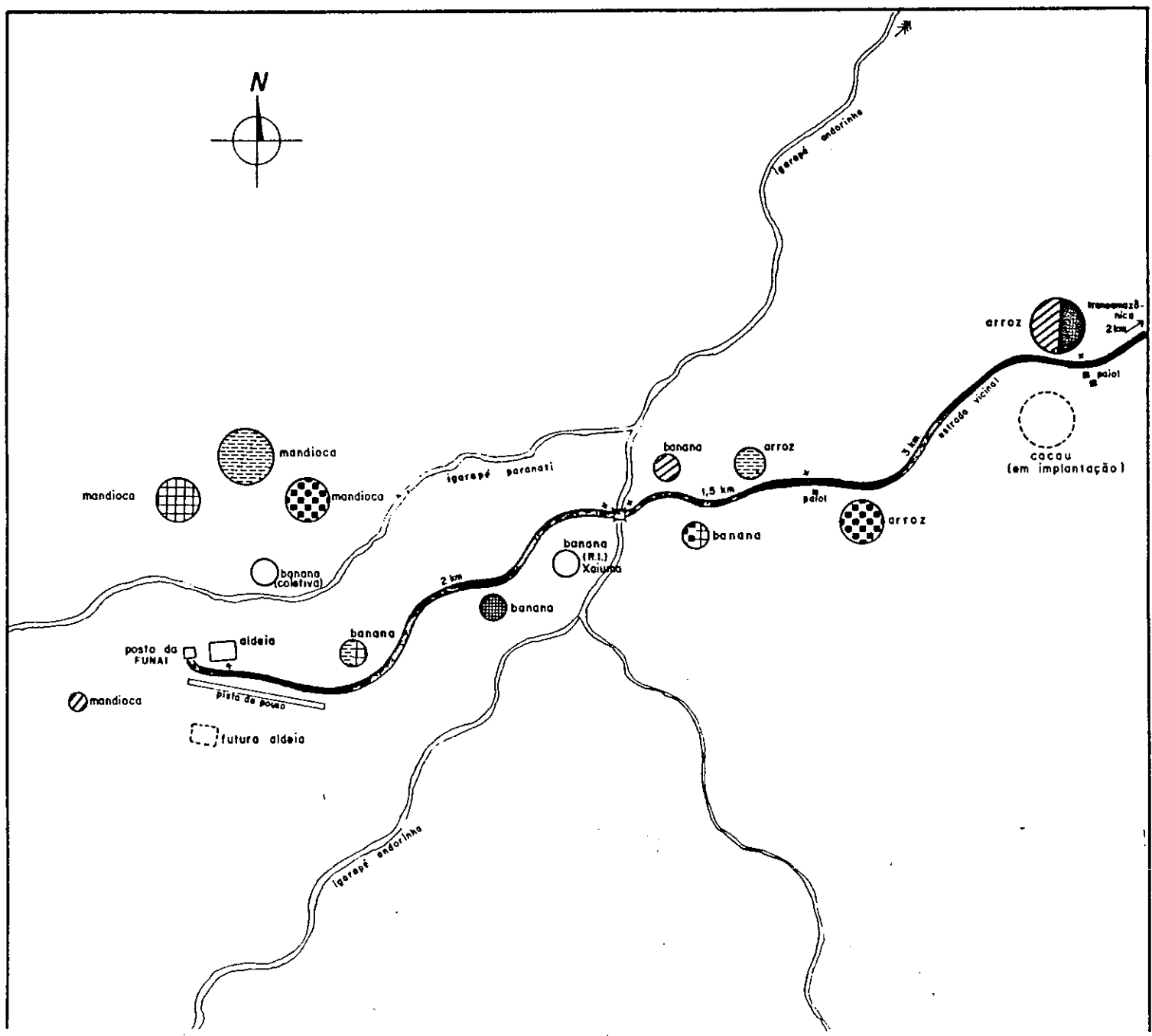
	GRUPO I	Nº DE INDIVÍDUOS	ROÇA MANDIOCA (ha)	ROÇA ARROZ (ha)	TOTAL ROÇAS (ha)	M ² PER CAPITA
	WARIRÁ	26	4,096	2,399	6,495	2498

	GRUPO II	Nº DE INDIVÍDUOS	ROÇA MANDIOCA (ha)	ROÇA ARROZ (ha)	TOTAL ROÇAS (ha)	M ² PER CAPITA
	MUTIAPEWA	19	1,689	1,689	3,378	1777

	GRUPO III	Nº DE INDIVÍDUOS	ROÇA MANDIOCA (ha)	ROÇA ARROZ (ha)	TOTAL ROÇAS (ha)	M ² PER CAPITA
	WARARUA	43	3,332	3,638	6,970	1621

	GRUPO IV	Nº DE INDIVÍDUOS	ROÇA MANDIOCA (ha)	ROÇA ARROZ (ha)	TOTAL ROÇAS (ha)	M ² PER CAPITA
	IPIRAKYE	58	1,908	2,773	4,681	807

	GRUPO V	Nº DE INDIVÍDUOS	ROÇA MANDIOCA (ha)	ROÇA ARROZ (ha)	TOTAL ROÇAS (ha)	M ² PER CAPITA
	AWAPI'IA	37	4,355	2,773	7,128	1926



ALDEIA PARANATI
MAPA ESQUEMÁTICO DAS ROÇAS

- GRUPOS DE PRODUÇÃO**
- GRUPO I - Wariró
 - GRUPO II - Mutiapewa
 - GRUPO III - Wararua
 - GRUPO IV - Ipirakye
 - GRUPO V - Awapi'ia

- ÁREA PLANTADA:**
- (Large circle) - mais de 4 ha.
 - (Medium circle) - de 3 a 4 ha.
 - (Small circle) - de 2 a 3 ha.
 - (Tiny circle) - até 2 ha.

OBS: - as roças de banana não possuem área definida
 - R.I. = roça Individual
 - mapa esquemático sem escala

FUNDAÇÃO DAM

PROGRAMA PARAKANÃ
 SUB-PROGRAMA
 OBRAS E INFRA-ESTRUTURA

● CONSIDERAÇÕES FINAIS

De Sylvicolarum Thesaurio I apresenta a análise crítica dos dados coletados em campo nas duas viagens realizadas à aldeia Paranati, nos meses de julho e agosto de 1989. Por conseguinte, representa os produtos constantes nos itens 3.1 e 3.2 da proposta de Auto-construção Comunitária das Aldeias Parakanã, segundo a metodologia e tecnologia implementadas por esta Fundação.

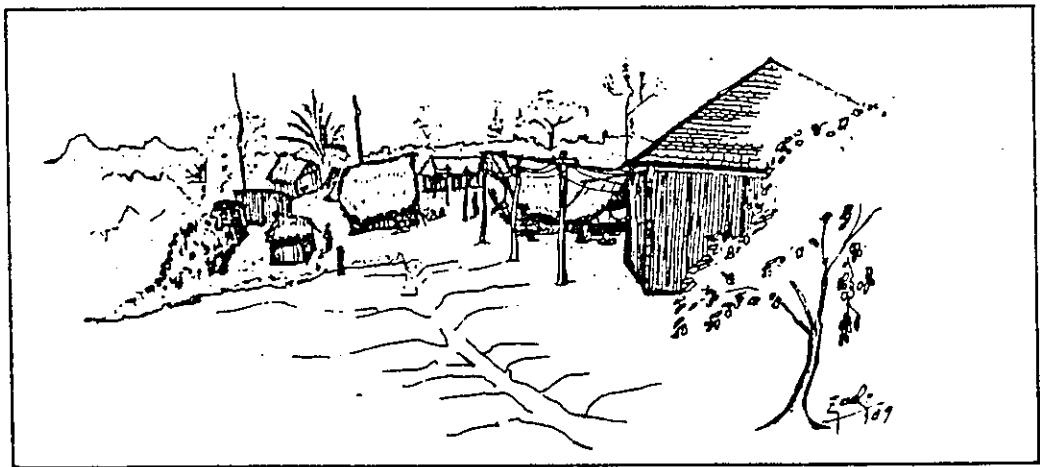
Devido ao assunto estar voltado especificamente para a habitação com sua conseqüente ensablagem no contexto social, produtivo e mítico-religioso do indígena Parakanã, a abordagem científica do tema tem seu ponto de partida na reconstituição tridimensional da *Anga été*, como forma de compreender os traumas vivenciados por este grupo indígena, provocados por influências externas alheias a seu conhecimento e domínio.

A casa comunal, construída em maquete na escala 1:25, é, e continuará sendo, a fonte de origem permanente que, ao longo da pesquisa, permitirá avaliar as transformações construtivas e entender o grau de deculturação desta minoria étnica que, em curto espaço de tempo, absorveu os valores culturais da sociedade regional envolvente. Acatar com naturalidade a extinção da identidade étnica deste povo, quando se sabe que esta advém de ações exógenas perfeitamente identificáveis, corresponde em igualdade, que aceita-se como inexorável o desmatamento e a queima da floresta para ceder lugar ao plantio de pastagens ou à produção de carvão vegetal para as indústrias minero-metalúrgicas, que comprometem o futuro da região e agridem por sua irracionalidade a inteligência do povo brasileiro.

O índio e a floresta tropical estão de tal modo interrelacionados que torna-se impossível conduzir à autodeterminação do sívico sem que se preserve a flora e a fauna da hiléia amazônica, pelo menos nos limites da área indígena. Pela lógica, o enfraquecimento gradativo de um provocará invariavelmente a destruição do outro.

A Fundação DAM, na qualidade de instituição responsável pelas atividades a serem desenvolvidas no Subprograma de Obras e Infra-Estrutura, acredita que o trabalho ini-

cial desenvolvido por seus técnicos e compilado analiticamente no presente documento contribui para o entendimento da complexidade presente na aldeia Paranati, assim como sugere ações futuras a serem conquistadas de forma integrada com os demais subprogramas inseridos no âmbito do Programa Parakanã. A busca de um indigenismo humanista adequado aos desafios do próximo milênio, só poderá avançar a partir do interrelacionamento multidisciplinar entre as equipes técnicas do Programa, cujos resultados concretos estarão expressos na melhoria da qualidade de vida do Índio Parakanã, sem mimetismo caricatural e com forte acentuação dos valores étnicos.



* Vista parcial da aldeia Paranati.

Brasília, 29 de setembro de 1989,

Luiz Galvão
Luiz Galvão

Cecilia Segré
Cecilia Segré

Zadi Duarte
Zadi Duarte

Marcelo Almeida
Marcelo Almeida

fundação DAM · APÊNDICE I

FUNDAÇÃO DAM

FICHA DE CAMPO Nº _____

CASA Nº 10

DATA _____/_____/_____

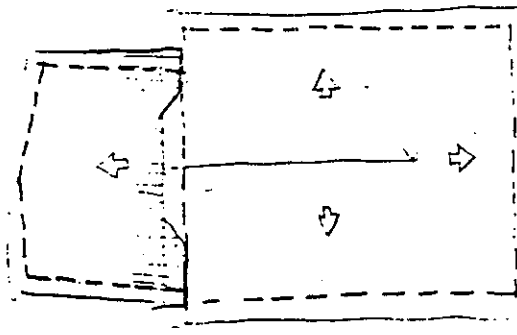
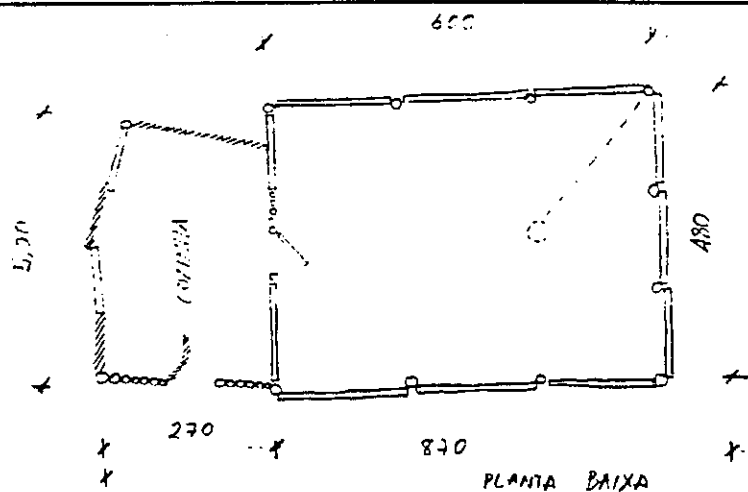
TÉCNICO Marcelo

PROGRAMA PARAKANÃ
SUB-PROGRAMA OBRAS E INFRA-ESTRUTURA

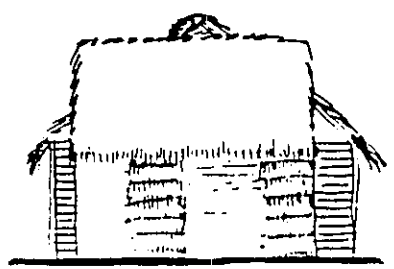
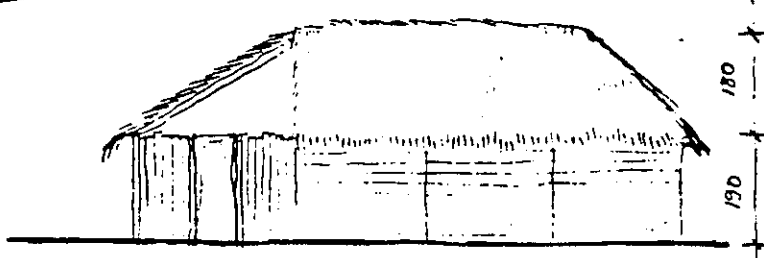
INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

1. Tipologia construída: Pau-a-pique
2. Não há pilar no fechamento dos quadrados (desnase w/ cozinha)
3. Vedação das paredes: Péguas de carijó em sentido horizontal no cafi-
ca - esmerilhada, e atirrados com botacú na cozinha. (Paxiúba na vertical)
restante de botacú e péguas varadas
4. Área: 6,00 x 4,00 = 24,00 (cozinha)
5. Área: 1 - área da cozinha p/ casa - ?
6. Área: área de estufa de botacú + área de tábuas (1,50 x 0,30)
7. Escalada - madeira pique idem casa 01
8. Cobertura - idem casa 01 - em 3 águas + 1 de cozinha

CROQUIS



* OBS: S/ ESCALA



FUNDAÇÃO DAM

FICHA DE CAMPO Nº _____

CASA Nº 21

DATA ____/____/____

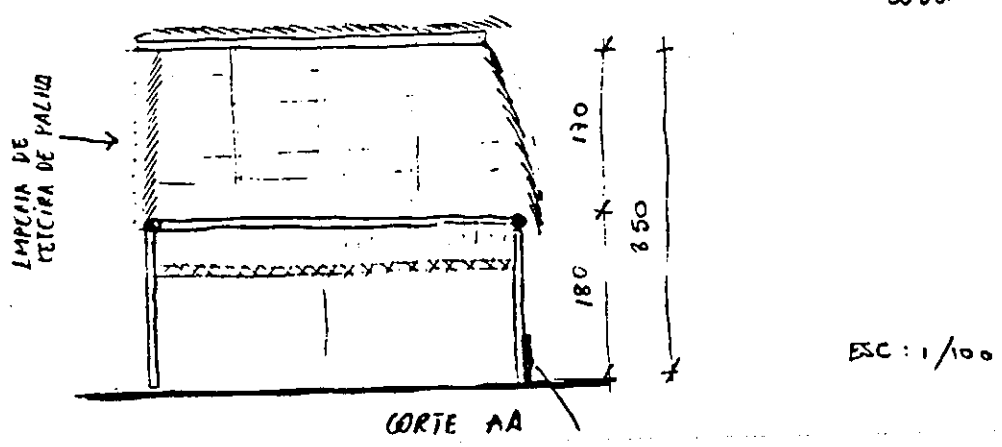
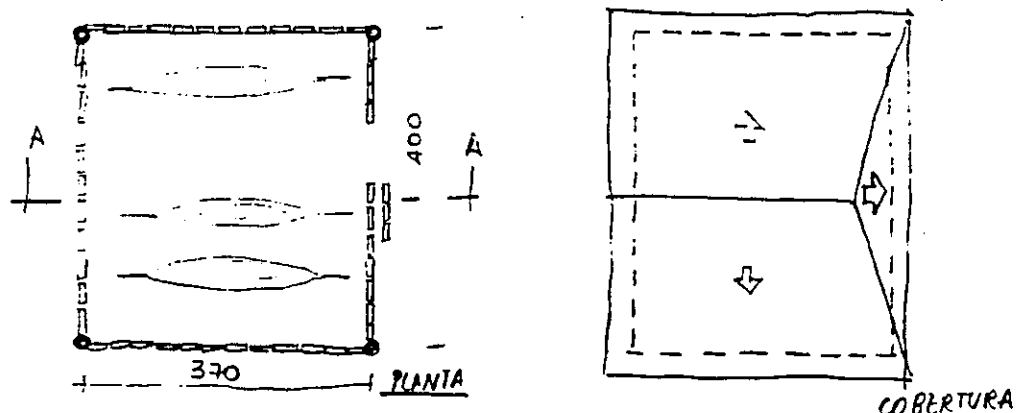
TÉCNICO MARCELO

PROGRAMA PARAKANĀ
SUB-PROGRAMA OBRAS E INFRA-ESTRUTURA

INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

1. Tipologia construtiva: pau-a-pique
2. Não há placa no planejamento das esquadrias
3. Vedação dos vidros: tubos laterais de alumínio oxidado dispostos a 45 graus, com o lado interno para fora
4. L. x C. : 3,70 x 4,00
5. Não há divisórias
6. Porta: (1,80 x 0,60 de madeira laminada, saída sem dobradiças
7. Esquadria: idem casa 01
8. Cobertura: idem casa 01
Sistema (tipo água) de madeira

CROQUIS



ESC: 1/100

FUNDAÇÃO DAM

FICHA DE CAMPO Nº _____

CASA Nº 22 e 23

DATA _____/_____/_____

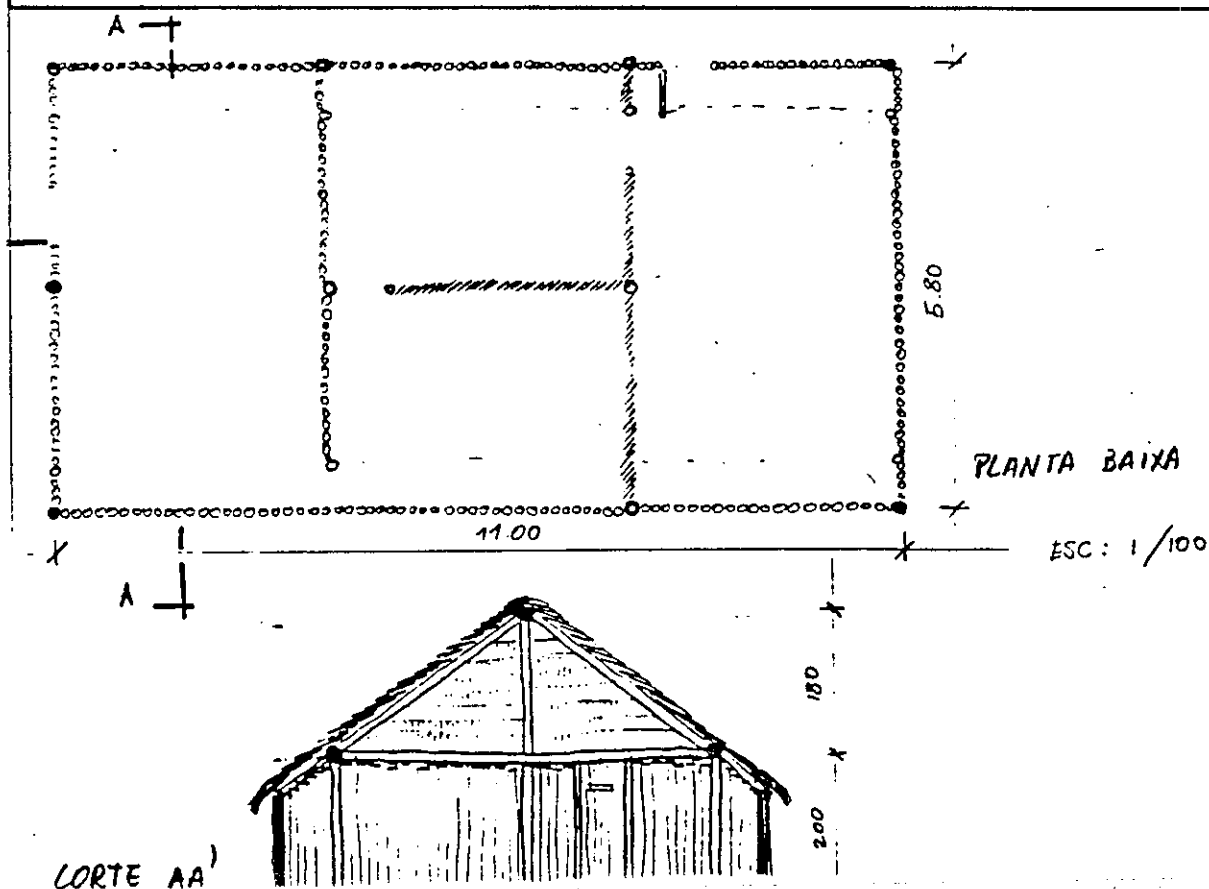
TÉCNICO MARCELO

PROGRAMA PARAKANÃ
SUB-PROGRAMA OBRAS E INFRA-ESTRUTURA

INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

1. Tipologia construtiva : pau-a-pique.
2. Vão de Pique no fechamento das esquerdas
: vedação das paredes: a) Externas: Piques de paxiúba e bacuí em sentido vertical amarradas em peças horizontais com cipó.
b) Internas: duas de tabaqui e uma de paxiúba na vertical
3. Área : 11,00 x 5,80
4. Há 3 divisórias internas definindo 4 ambientes
5. Portas: Frontal, de paxiúba (vertical) 2,00 x 0,60
Lateral de táboas sobrepostas com dobradiças de ferro
6. Estrutura de pau-a-pique idem casa 01
7. Cobertura - bacuí idem casa 01
- emenda de bacuí (sobrepostas)
- * OBS: as portas internas são bem estreitas, havendo somente o vão de passagem. (sem portas)

CROQUIS



FUNDAÇÃO DAM

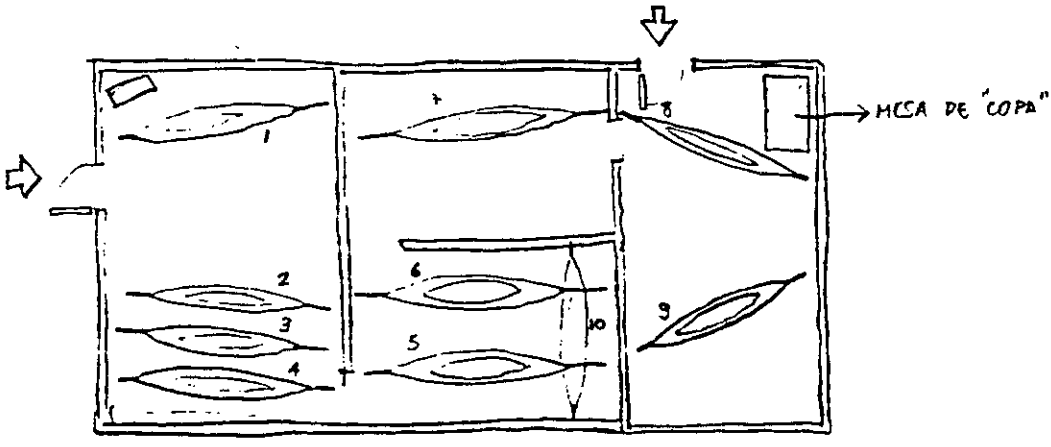
FICHA DE CAMPO Nº _____
 CASA Nº 22 e 23
 DATA _____/_____/_____
 TÉCNICO MARCELO

PROGRAMA PARAKANÃ SUB-PROGRAMA · OBRAS E INFRA-ESTRUTURA

INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

Única casa construída da aldeia onde moram dois grupos familiares. Observado a relação de parentesco entre os grupos e entre os vizinhos próximos (da casa 17); Total de 10 habitantes entre adultos e crianças; Cozinha e banheiro e piso distante cerca de 10m da casa; Não há indícios de fumaça intencionalmente; Como em todas as demais habitações, há muita desordem no uso do espaço interno; Observou-se que, por consequência das divisórias internas formando 4 ambientes distintos, há pouca ventilação e luminosidade no interior; Existe uma espécie de copa, com utensílios de cozinha e um filtro de barro; A cobertura de tabacó se apresenta velha e deteriorada com presença excessiva de ninhos de insetos; A estrutura é de madeira pilica apoiada e amarrada com cipó; as varandas são, externamente, de acaí e paxiúba dispostas verticalmente; Internamente, duas de tabacó e 1 de acaí; Existem duas entradas (portas) de paxiúba (2,00 x 0,40) e tápoas (1,80 x 0,50) com abrodadas;

CROQUIS



USO DO ESPAÇO INTERNO

● **BIBLIOGRAFIA**

ACONTECEU. Especial nº 14. Povos Indígenas do Brasil/83. p. 125

ACONTECEU. Especial nº 17. Povos Indígenas do Brasil 85/86. p. 232.

ARNAUD, Expedito. Ação indigenista. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Nova Série Antropologia, nº 49, 1971.

ARNAUD, Expedito. Breve informação sobre os índios Asuriní e Parakanã, Rio Tocantins, Pará. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Nova Série Antropologia, nº 11, 1961.

ARNAUD, Expedito. Grupos Tupi do Tocantins. In: Simpósio sobre a Biota Amazônica. Belém, 1966. Atas. . . Rio de Janeiro, CNPq, 1967. v.2. p. 57-68.

ARNAUD, Expedito. Mudança entre grupos indígenas Tupí na região do Tocantins - Xingú (Bacia Amazônica). Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Nova Série Antropologia, nº 84, 1983.

CONTATOS com novos grupos indígenas da Transamazônica. Informativo FUNAI, Brasília 2 (7): 39-40, 1973.

CASTRO, Maria de Lourdes Novaes de. Detalhes da Amarração da corda nos arcos de várias tribos. Publicação do Museu Municipal Paulínea, 4:14-22, 1978. Il. Bibl. Museu do Índio.

DAVIS, Shelton H. Vítimas do Milagre - O desenvolvimento e os Índios do Brasil. Rio de Janeiro, Zahar. 208 p. 1978.

HABITAÇÕES Indígenas. Sylvia Caiuby Novaes, organizadora, etc. São Paulo, Nobel: Ed. da Univ. São Paulo, 1983. 196 p. Ilust. "Coletânea de Artigos por vários autores." Bibl. Museu do Índio.

MAGALHÃES, Antonio Carlos. Levantamento da situação atual dos índios Parakanã, reserva indígena Parakanã. Belém, MPEG, 1983. 70 p. il. (xerox).

MARCONDES, Suzan Evelyn. Contribuição do Museu ao estudo da cerâmica. Publ. Museu Municipal de Paulínea, 22:11-16, 1982. Bibl. Museu do Índio.

MEGGERS, Betty J. "Environmental Limitation on the Development of Culture." American Anthropologist, vol. 56, nº 5, part 1. American Anthropological Association, Menasha, pp. 801-804. 1954.

PARAKANAN mostram a sertanista os costumes de sua tribo. Informativo FUNAI, 1(4):56-61, 1972. il.

RIBEIRO, Berta G. "A oleira e a tecelã: o papel social da mulher na sociedade Asurini." Revista de Antropologia nº 26. São Paulo (USP) 1982 a.

RIBEIRO, Berta G. Arte Indígena, linguagem visual. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia 186 p. 1989.

SANTOS, Antonio Carlos M. L. Os Parakanã. Informativo FUNAI, (15-16):27-28. 1976.

SANTOS, Antonio Carlos Magalhães dos. Os Parakanã: quando o rumo da estrada e o curso das águas perpassam a vida de um povo. São Paulo, USP, 1982. 251 p. (Dissertação-Mestrado).

SILVA, Orlando Sampaio. Casamento e residência entre os índios Parakanã do Igarapé-Lontra. s.n.t. (xerox).

VIDAL, Lux. Os Parakanã. Revista de Antropologia, (27/28): 197-202, 1984/85.